



CIDADE LUZ - AÇÕES POÉTICAS NO PRESTES MAIA

Marcos Martins. UFES

RESUMO: Esse relato parte das experiências vivenciadas junto a comunidade de moradores que ocupou o Edifício Prestes Maia, em São Paulo, entre 2002 a 2007. São processos e experiências que se deram no campo das poéticas e das negociações coletivas como apoio a população sem teto que reivindicava um lugar para viver e morar com dignidade. Os artistas e coletivos de artistas engendraram ações na tentativa de buscar aberturas nas negociações junto aos órgãos governamentais em favor dessa população. Como resultado buscou-se a sensibilização da sociedade e a publicização do problema com o objetivo de gestar a participação efetiva do público através das manifestações potentes da arte e que se dão como poética e política na contemporaneidade. A importância desse movimento foi o de estabelecimento duma plataforma discursiva entre o público, as instituições e os artistas envolvidos, o que por si coloca a arte como mediadora dos desejos e aproximações do público com as cidades.

Palavras-chave: corpo-cidadão, Intervenção Urbana, comunidade, arte-política,

ABSTRACT: *This account of the experiences with the community residents who occupied the Prestes Maia building in São Paulo, from 2002 to 2007. Are processes and experiences that occurred in the field of poetry and collective bargaining in support of the homeless population that reivindicava a place to live and to live with dignity. Artists and artist collectives engendered actions in an attempt to find openings in negotiations with government agencies on behalf of this population. As a result we sought to societal awareness and publicity of the problem in order to conceive the effective participation of the audience through the powerful manifestations of art and give it as a poetics and politics in contemporary times. The importance of this movement was the establishment of a discursive platform between public institutions and the artists involved, which in itself puts the art as a mediator of the public desires and approaches to cities.*

Keywords: *body-citizen, Urban Intervention, community, politic –art.*

Introdução

Este artigo apresenta um relato de experiência vivenciado na cidade de São Paulo entre os anos 2002 e 2007. Na oportunidade, a Ocupação Prestes Maia se estabelecia como um rico processo colaborativo que unia artistas, coletivos de artistas, a comunidade ocupante daquele edifício abandonado e as entidades e associações operantes na região central de São Paulo.

O edifício Prestes Maia encontrava-se vazio desde a década de 80. Suas duas torres (com 22 e 13 pavimentos, respectivamente) foram ocupados por famílias em situação de rua ligadas ao Movimento dos sem Teto do Centro de São Paulo (MSTC).

No edifício Prestes Maia, funcionou por muitos anos uma tecelagem que após o processo de formação de novas centralidades fora abandonado ficando em desuso por cerca de 20 anos, somente vindo a ser habitado e ocupado com a presença dos quase dois mil sem-teto (entre jovens, adultos, velhos e crianças) que criaram ali, no interior dos vãos das lajes livres do edifício, aglomerados de moradias com vedações dos mais diversos materiais desde tábuas, lonas plásticas, papelões, e matérias encontradas nas ruas ou nos entulhos da cidade, com fins de criar habitações para as 468 famílias envolvidas no processo de ocupação.

A primeira manifestação artística no edifício deu-se um ano após sua ocupação, ou seja, em 2003. Na oportunidade, alguns artistas de São Paulo se organizaram e conceberam a “Arte Contemporânea no Movimento Sem-Teto do Centro” – ACMSTC.

O encontro dos artistas com a comunidade ocorrera em forma de imersão de um final de semana onde o prédio fora tomado por ações de performances, intervenções e instalações e outras formas de manifestações colaborativas que tinham como mote a busca pela conscientização política da sociedade aos delicados processos que envolviam (e ainda envolvem) os problemas de moradia e da exclusão em São Paulo.



Fig. 01 Ações do Grupo Laranja e do artista Eduardo Verderame (2003) Foto: Tulio Tavares



Fig. 02 e 03 – Intervenções no Edifício Prestes Maia (SP) durante o ACMSTC – Artistas André Bueno e Túlio Tavares (2003). Foto: Tulio Tavares

Dois anos após a ação do ACMSTC e já na iminência da efetiva reintegração de posse pela justiça, alguns coletivos de arte¹ se uniram para apoiar novamente a questão do direito à moradia no centro, especificamente no Prestes Maia. O grupo formado denominou a ação conjunta de “Integração sem posse” convocando outros artistas e coletivos de artistas de todo o país, além dos próprios cidadãos, dos movimentos sociais, dos intelectuais, da imprensa e dos ativistas. Formando assim

uma rede de apoio às 468 famílias que ali moravam e que somavam a população daquele condomínio. Todos na iminência de serem despejadas.

Os coletivos e os artistas envolvidos fizeram um ajuntamento transdisciplinar formando diálogos relevantes entre a população em despejo e a sociedade civil por meio de debates constantes e ações artísticas que eram mediadas juntamente com as negociações entre as famílias em fase de despejo, a polícia e os organismos públicos que solicitavam a reintegração do imóvel. Nesse sentido, o trabalho colaborativo parecia ser a peça mestra que movia os ideais de experimentações e as ações poéticas desenvolvidas com a comunidade moradora do Prestes Maia. Tais coletivizações de pensamentos, desejos e ações buscava agir criticamente na situação posta como realidade, anulando a autoria e a individualidade em favor dum corpo-coletivo que pensava coesamente a situação em questão.

Dentre as ações no Prestes Maia, desse segundo momento de interlocução entre artistas e comunidade, destaco o trabalho do coletivo paulista EIA (Experiência Imersiva Ambiental) da qual fizera parte nos anos que vivi em São Paulo. Assim, as experiências, aqui compartilhadas, são aquelas que se colocam como constructo da minha formação como artista, como escola prática que forjou meu caráter e pensamento diante da cidade e suas alteridades. As ações realizadas buscavam pôr em xeque as questões da especulação imobiliária e as correntes de forças públicas que buscavam gestar a gentrificação (ou enobrecimentos) dos centros urbanos expelido para as periferias as populações menos favorecidas, em favor das classes mais abastadas.

Com esse ímpeto, o grupo passou a agir estrategicamente contra os processos de especulação apropriando-se das placas imobiliárias de anúncios de condomínios de luxo que estavam espalhadas ilegalmente pela cidade de São Paulo, poluindo visualmente a cidade. De posse de 80 placas que foram retiradas numa ação que durou a madrugada, o grupo elaborou um salão de arte denominado de "Salão de Placas Imobiliárias" – SPLAC.

Por meio de um edital público disponibilizado na internet, vários artistas de diversas cidades brasileiras estiveram presentes em São Paulo atendendo a

convocatória do grupo EIA para intervir nas placas retiradas das ruas e apropriadas pelo coletivo.

As ações desenvolvidas pelos artistas, tendo como suporte as mesmas placas metálicas apropriadas e com dimensões 180 x 90cm, passaram a se erguer em formas de ações plásticas com criticidade de cada artista participante, abordando questões relevantes a respeito da moradia no centro.

O evento inicialmente partiu da Praça Cornélia, seguindo para a ocupação Prestes Maia como forma de ali se fazer uma concentração das propostas e juntar-se as famílias moradoras do Prestes Maia, com reflexões e denúncias as especulações que promovem o enobrecimento das áreas centrais e expulsam famílias inteiras para as áreas periféricas, ou mesmo para as ruas.

Vale pontuar que o movimento pela moradia no centro da cidade, reivindicava a inclusão das famílias de baixa renda em programas habitacionais. Em 2007, o edifício fora desocupado por ordem judicial, que deu ao proprietário a reintegração de posse do imóvel. Estando ainda hoje selado e novamente em desuso, sem cumprir a sua função social.



Fig.05 Folder da ação Integração sem Posse – Prestes Maia



Fig. 06 e 07 Retirada das placas das ruas e exposição SPLAC– EIA (2005) Foto: Tulio Tavares



Fig.08 Manifestações no Prestes Maia com lambe-lambe (2006) Foto: Tulio Tavares

É interessante observar que o público que passou a habitar a região da Luz, onde se situa o Edifício Prestes Maia, o fez depois da década de 90. Num momento em que os movimentos sociais no centro ganharam voz, corpo e força ao reivindicarem do Estado o direito à moradia digna, com infraestrutura básica e próxima aos locais de trabalho de seus usuários, que na grande maioria participam do mercado informal.

Isso nos revela que os centros históricos que na contemporaneidade passam por processos de enobrecimento, ou seja, por inserções de novas centralidades e de investimentos do capital, vem sendo objetos das políticas públicas que buscam através da cultura e do turismo inserir as cidades no *hall* da concorrência intercidades, conforme nos afirma Rogério Leite (2007, p.61) quando “transformamos paisagem em cenário”. Assim, o enobrecimento dos centros tendem

a expelir a população que ali vive, alienando o espaço público e a cultura pelo consumo desses lugares, agora postos a espetacularização.

A cidade de São Paulo vem passando por um processo denominado de “Nova Luz”ⁱⁱ Nesse esconde-se um dado curioso que é a existência de pelo menos 40 mil unidades de imóveis vazios só na região do centro, como já pronunciou a urbanista Raquel Rolnik em debate com o antropólogo Manuel Delgadoⁱⁱⁱ.

Essa realidade social nas cidades vem sendo discutidas pelas Artes através das práticas que se inserem no tecido urbano para tangenciar as problemáticas insurgentes e possibilitar ao corpo-cidadão uma consciência crítica desses processos que transformam a cidade. Daí a relevância do artista, da instituição de arte e da sociedade no fomento dessas aproximações com o espaço público.

Como exemplo dessas práticas artísticas pode-se fazer uma reflexão a partir da obra do artista catalão Antoni Muntadas^{iv}, mais especificamente *"La Sala del Control"* realizado em Barcelona (1996), no Centro de Cultura Contemporânea. Em tal obra, o artista problematizou questões relativas à vigilância e controle das cidades tomando como partido os então recentes processos de requalificação urbana em Barcelona.

Criou para isso uma obra que replicava nos sistemas de vigilância ao deslocar o público do Centro de Cultura de sua posição de espectador à partícipe, colocando-os como “vigilantes” da cidade e do próprio sistema de segurança do equipamento cultural, por meio de câmeras que apontavam estrategicamente para as ruas da cidade. Assim, os próprios cidadãos se postavam como guardas a vigiar a segurança pública.

Havia ainda um vídeo que exibia os depoimentos, com opiniões e relatos das pessoas que moravam nesses bairros que passaram pelo processo de requalificação, além de opiniões outras como as de urbanistas e políticos sobre o fato. Em outro espaço, imagens de demolições de prédios eram apresentadas de forma a criar uma narrativa discursiva sobre esses processos. O trabalho de Muntadas parecia buscar nestas proposições uma esfera que envolvesse todos os implicados neste processo a fim de formar uma conscientização do problema e uma co-responsabilidade política.

As praticas desses artistas e coletivos de arte, esmeram-se muitas vezes na imersão, pesquisa, levantamento, mapeamento, vivência e mediação entre os agentes da cidade e a população. Dentre as ações ocorridas na Região da Luz, em São Paulo, pontuo a ação "Cidade Luz" (2008) realizada pelo coletivo Política do Impossível (PI), logo após a efetivação da reintegração de posse no Prestes Maia.

Cidade Luz

A ação do coletivo PI deu-se com uma caminhada juntamente com a comunidade que fora desabrigada com a operação "Nova Luz". Na ação, os participantes levaram consigo suas luzes (velas e lanternas), pontuando simbolicamente que o bairro da Luz é constituído das luzes de seus habitantes e usuários, ou seja, da vida em sua essência. A caminhada promoveu um encontro com os diferentes movimentos de arte que se voltaram para a problemática do centro. Tal como fizera o EIA frente ao Prestes Maia.

Desta forma, "a caminhada foi uma ação crítica de valorização do bairro e da Luz, estigmatizado pela construção da imagem-ideia de cracolândia" A caminhada deu-se a partir da Estação da Luz até o local onde foram desapropriados os primeiros imóveis, com a demolição arrasa-quarteirão.

A retirada desmedida daquela população parece não resolver os problemas do lugar, repetindo os mesmos erros de outrora quando não se preocupou com o contexto social envolvido nessas tramas. Esses planos estabelecidos entre o poder público e o privado são provas de uma política contígua de exclusão social. E de certo que a vinda de um novo público (enobrecido) para a "Nova Luz" não será garantia de resolução dos problemas reais na região, nem do apagamento da paisagem real e da memória existente.

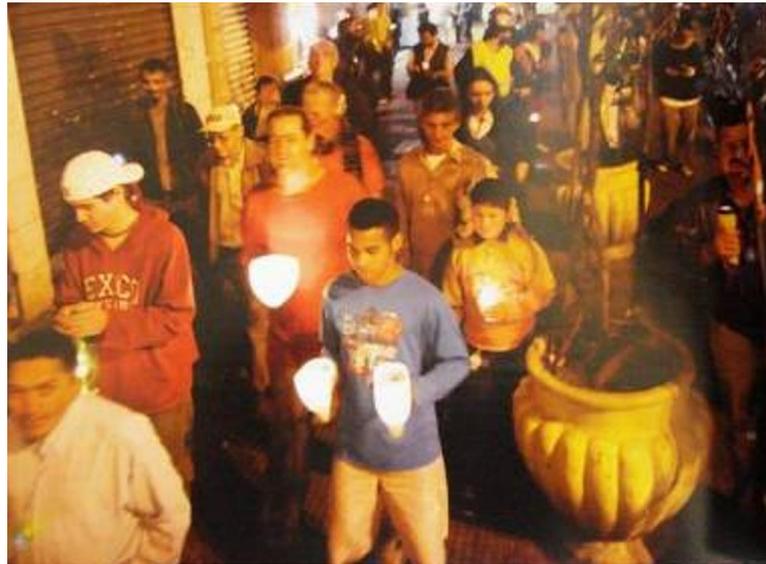


Fig. 09 e 10 Caminhada na Luz, grupo Política do Impossível (2008) Foto: Eduardo Verderame

Assim, as paisagens urbanas das cidades refletem-se nas segregações espaciais que se evidenciam nos acessos, no uso do solo e nos determinados serviços essenciais à vida; donde, a paisagem contribui para a construção da linguagem de um povo com objetivo de formar uma imagem de sua cultura, uma vez que a cultura humana é o objeto produzido pelas operações de linguagem, sejam elas verbais ou não-verbais onde “todo o conjunto de relações com os objetos disponíveis no universo da cultura pressupõe uma interpretação, uma decodificação, inclusive o uso, sua face mais operativas” (BASSANI, 2003, p.23).

Outro ponto pertinente foi à substituição dos espaços de circulação e convívio por novas formas de pseudo-espços públicos como as arquiteturas-monumentos que se ergueram na paisagem a partir da segunda metade do século XX, impondo-se como imagem-referência (LYNCH, 1999, p.51) da modernização da cidade e como representativas ou simbólicas deste crescimento e desenvolvimento estabelecido, transformando não somente a paisagem urbana, com operações que transformaram São Paulo no centro corporativo da América Latina através de *headquarters* de empresas multinacionais, arquiteturas-fortificações que se avizinham das comunidades mudando rapidamente a paisagem do lugar, agora refletida nas "peles de vidro" das verticalizações que desafiam os céus, arranhando as nuvens para se imporem como símbolo desse poder.

Lucrécia Ferrara (2008) ao relacionar as verticalizações como valor simbólico do poder e da mídia de uma cidade, declara que esses pontos co-existem entre si por se colocarem como referências do domínio de um grupo frente a outros. Desta forma, ela afirma que a verticalidade de uma cidade, ou sua *skyline*, está associada diretamente a uma arquitetura midiática que tenciona estabelecer-se como dominante e global.

Na esteira do pensamento de Sharon Zukin (2000) pude refletir sobre a constituição dessa *skyline* que se ergue na cidade e que compõe, segundo a autora, uma "paisagem do poder" que é constituída primeiramente pela formação de uma nova centralidade a partir da re-apropriação de certos espaços que comporão uma nova arquitetura feita de uma paisagem gentrificadora. Sobre esse pensamento Sharon Zukin em O espaço da diferença, designa que:

[...] a paisagem dá forma material a uma assimetria entre o poder econômico e o cultural. Essa assimetria de poder modela o sentido dual da paisagem. [...] o termo "paisagem" diz respeito à chancela especial de instituições dominantes na topografia natural e no terreno social, bem como a todo o conjunto do ambiente construído, gerenciando ou reformulando de algum modo. No primeiro sentido, a paisagem dos poderosos se opõe claramente à chancela dos sem poder, ou seja, à construção social que escolhemos chamar de vernacular, ao passo que a segunda acepção de "paisagem" combina esses impulsos antitéticos em uma visão única e coerente no conjunto. (ZUKIN, 2000, p.84).

O conceito de paisagem dado pela autora faz uma interlocução com a dimensão simbólica presente no poder, de onde a gentrificação não se coloca apenas como empreendimento econômico no território, mas também e, sobretudo como afirmação desse poder institucionalizado mediante suas anti-arquiteturas e a higienização social que se estabelece contribuindo para forjar e formar essas “paisagens de poder”.

Conclusão

Pode-se perceber que as implicações que envolvem o espaço urbano não escapam e tampouco estão alheias as ações críticas de artistas e coletivos. O que se vê é que cada vez mais a arte adentra o cotidiano das pessoas, estabelecendo forças que ao serem somadas potencializam as relações inter-humanas.

O desdobramento dessa postura são intervenções cientes de seu público e do contexto social envolvido, de forma que a arte tem buscado não somente subverter a ordem estabelecida para se viver, mais também e, sobretudo aproximar as experimentações artísticas das questões do campo cultural, social e político. Estabelecendo uma esfera discursiva aos problemas da cidade ou mesmo uma audiência e mediação dessas problemáticas com os agentes públicos que gerem a cidade.

Nesse sentido, publico e artista gesta uma experiência que atua sobre a existência humana para indagar sobre as coisas do corpo, do afeto e da percepção que se tem do mundo. Suas ações promovem pensamentos que interpelam sobre a vida para se aproximar da realidade. Nesta relação entre corpo, arquitetura e cidade as alteridades se manifestam nas construções, nos traçados urbanos, nas formas e materiais adotados pelas arquiteturas, onde de forma estratégica se repele ou se controla as ações e deslocamentos deste corpo.

Esta sobreposição da paisagem social é oriunda tanto do tempo quanto da linguagem estabelecida e têm se constituído a partir da síntese dos elementos presentes nos lugares de sua apreensão através das imagens existentes, pois a cidade, como sendo uma realidade objetiva - com suas ruas, edificações, monumentos e praças é, em sua essência, uma ambiência a partir da qual se

desenvolvem as subjetividades e de onde se constrói suas representações que são portadoras de propriedades comunicativas, materializadas pelos signos, cores, formas, tamanhos, mobiliários e intervenções.

Este pensamento encontra lugar na arte através das ações poéticas de intervenções urbanas, performances, trabalhos colaborativos, ações e outras que possibilitam a construção de um corpo coletivo. Este corpo manifesta-se e subverte aos engessamentos e controles instituídos pela sacralização das obras. Colocando-se como agentes que transformam a experiência na cidade ao perceber as estruturas de poder que manipulam a dinâmica social com estratégias que buscam emudecer as vozes dos cidadãos e desumanizar os espaços públicos.

NOTAS

ⁱ Dentre os coletivos que encabeçaram o processo do Prestes Maia estavam: Bijari, Esqueleto coletivo, Contra Filé, Frente 3 de fevereiro, Cia. Cachorra, Experiência Imersiva Ambiental, só para citar alguns.

ⁱⁱ A prefeitura de São Paulo, em parceria com agentes privados com interesses na área do centro e financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), vem implantando, desde 2005, no Bairro da Luz a operação de requalificação, denominada de “Nova Luz”. O plano é parte de um processo de retomada do centro para enobrecimento da área com a vinda de um novo público de moradores, de empresas e de serviços, o que mostra como as áreas públicas são rapidamente absorvidas e transformadas, fazendo crescer a mancha da segregação social na cidade.

ⁱⁱⁱ Vide vídeo do debate A museificação dos centros urbanos, ocorrido no Centro Cultural da Espanha, em 06-12-2007 com Manuel Delgado e Raquel Rolnik. Disponível no site <http://www.forumpermanente.org>. Outra fonte possível é o artigo A arte e a educação: ferramentas na construção da cultura de resistência. De Gabriela Zelante Lambert. Disponível no <http://www.rizoma.net>

^{iv} In http://forumpermanente.incubadora.fapesp.br/portal/.painel/palestras/integra_muntadas Acesso em 16-12-2008. e/ou Também na entrevista cedida pelo artista na EESC-USP e transcrita para a Revista Risco aos professores David Sperling e Fabio Santos. RISCO. Atenção: a percepção requer empenho. EESC-USP 2006 p. 124-148.

REFERENCIAS

ARANTES, Otilia B. Fiori. Urbanismo em fim de linha. São Paulo: Edusp, 2001.

BASSANI, Jorge. As linguagens artísticas e a cidade: cultura urbana do século XX. São Paulo: FormArte, 2003.

Coletivo Política do Impossível in Cidade Luz: uma investigação – ação no centro de São Paulo. São Paulo: editora PI, 2008, p.111

FERRARA, Lucrecia D'alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. In Matrizes/revista do programa de pós-graduação em ciências da comunicação da Universidade de São Paulo: São Paulo, ano1. n.2, ECA/USP, 2008.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. Campinas. Editora Unicamp/UFS, 2007.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. . Campinas: Papyrus, 2000.

Marcos Martins

Artista Plástico, Pesquisador e Professor na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Graduado em Artes Plásticas pelo IFCE (2007), Mestre em Poéticas Visuais pela ECA/USP (2009), Integrante do coletivo de arte Container (ES). Membro dos grupos de pesquisas Heterotopias (Cnpq/FASM), Mita (Cnpq/UNIVASF); 3P (Cnpq/UFES) e Place (Cnpq/UFES). Diretor da Galeria de Arte e Pesquisa - GAP/Ufes e membro do Corpo Conselheiro do MAES - Museu de Arte Dionísio Del Santo (ES). Tem experiência em Espacialidades, Arte Contemporânea, Corpo e Cidade, Intervenção Urbana, etnografia e Cultura com ênfase na percepção ambiental, mobiliário urbano, arquitetura e design.